

# Tambores de Maracatu de Baque Virado: redes e afetações

MARCEL COSTA AZEREDO   
Universidade Federal de Itajubá | Itajubá, MG, Brasil  
azeredomarcel@gmail.com

ADILSON DA SILVA MELLO   
Universidade Federal de Itajubá | Itajubá, MG, Brasil  
prof.adilsonmello@unifei

CARLOS ALBERTO MÁXIMO PIMENTA   
Universidade Federal de Itajubá | Itajubá, MG, Brasil  
carlospimenta@unifei.edu.br

**DOI** 10.11606/issn.2316-9133.v33i1pe217130

**resumo** Trata-se de reflexão entre os saberes e as dinâmicas da cultura, através das interações promovidas pelo maracatu de baque virado, com ênfase ao construtor de tambor. Justifica-se pela escassa produção acadêmica que coloque o construtor de tambor como foco principal do estudo, com o objetivo de revelar os elementos humanos e não-humanos desse ator e sua complexa rede sociotécnica. Realizou-se um estudo de campo em que contemplam observações de como o artefato impõe ao construtor a formação de uma rede, entrevistas com os atores (o construtor e os compradores dos tambores confeccionados por este) e registros visuais dos artefatos com a perspectiva de dar significações ao tambor. Num esforço de síntese, revelaram-se os elementos que compõem a rede de construtor de tambor (afetações, mediações, agenciamentos e controvérsias), durante os processos de fabricação do artefato considerando a dimensão da geração de renda e suas imposições.

**palavras-chave** Cultura; Maracatu; Construtor de tambor; Rede; Artefato.

## **Drums of Maracatu de Baque Virado: networks and affectations**

**abstract** It is a reflection between knowledge and cultural dynamics, through the interactions promoted by maracatu de baque virado, with an emphasis on the drum builder. It is justified by the scarce academic production that places the drum builder as the main focus of the study, with the aim of revealing the human and non-human elements of this actor and his complex socio-technical network. A field study was carried out which included observations of how the artifact requires the builder to form a network, interviews with the actors (the builder and the buyers of the drums made by him) and visual records of the artifacts with the aim of giving meanings to the drum. In an effort to synthesize, the elements that make up the drum builder network (affectations, mediations, agencies and controversies) were revealed during the artifact manufacturing processes, considering the dimension of income generation and its impositions.

**keywords** Culture; Maracatu; Drum builder; Network; Artifact.



e217130

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v33i1pe217130>

O maracatu de baque virado surge no estado de Pernambuco pelas mãos do povo negro e é alvo de constantes disputas sociais para a sua permanência, sendo “movimento de resistência, de ensinamentos e transmissões” (Silva, 2018: 208). A compreensão de seu surgimento perpassa o resultado dos jornalistas, folcloristas, intelectuais e pesquisadores acadêmicos. “Apesar de existirem muitas hipóteses [...], é a de que ele teria surgido a partir das coroações e autos do Rei do Congo”. (Fialho, 2017: 1316).

A partir das reflexões de Lima (2014), a origem dos maracatus demonstra uma tentativa de homogeneização de uma expressão cultural marcada pela sua diversidade, considerando que “a cultura negra seria a cultura dos encontros e desencontros, [...] lugar de cruzamentos, tece identidades [...] gestos, falas, músicas, refúgios [...]” (Silva, 2018: 66). Compõe-se numa encruzilhada de culturas que, na origem, faz oposição às formatações homogeneizadoras, visto que, plural, se inscreve no Nordeste “como congos, taiaeiras, pretinhas do congo, aruendas, cambindas, maracatus de orquestra dentre outras” (Lima, 2016: 113).

Dentro do maracatu há inúmeras nações denominadas de “orquestra” e de “bataque virado”. As transformações dos maracatus de orquestra para os de bataque virado trouxeram questionamentos sobre a ideia do maracatu autêntico, sendo ressignificado os modos de tocar e cantar entre os maracatus, o que provoca tensão nas “[...] representações simbólicas sobre trajetórias históricas, marcadores da tradição e fronteiras entre os grupos de maracatu” (Albernaz; Oliveira, 2015: 77).

Por este trajeto, Cunha (2009) destaca na década de 80 a rearticulação e retorno das nações Maracatu Porto Rico, Maracatu Elefante, Maracatu Estrela Brilhante e Maracatu Leão Coroado, bem como a influência na Federação Carnavalesca de Pernambuco. E já na década de 90 foi marcada pelo Movimento Mangue Beat, “uma mistura do baque dos Maracatus com uma batida hip-hop” (Cunha, 2009, p. 188). Esse movimento proporcionou, segundo Silva (2018), que os maracatus atingissem uma diversidade de pessoas advindas das classes médias urbanas. Para além dessas considerações, Lima (2014) ressalta a importância do grupo parafolclórico Maracatu Nação Pernambuco e, sem dúvida, os maracatuzeiras e maracatuzeiras pernambucanos nas articulações feitas pelas disputas sociais.

Na leitura dessas disputas, este estudo enfatiza a complexidade do saber-fazer do tambor e a rede de relações que o construtor efetiva, tendo como centralidade o artefato. Desse contexto, é que se busca responder ao seguinte questionamento: quais são os elementos, humanos e não-humanos, revelados nas redes sociotécnicas do construtor de tambor? Portanto, o construtor é o fio que desvela a rede de associações estabelecidas pelo artefato e suas afetações.

Tem-se o objetivo de revelar as redes estabelecidas pelo construtor e afetações atravessadas por conexões sociotécnicas e econômicas. Trata-se de acompanhamento do artífice que fabrica o tambor de maracatu de baque virado, artefato que por vezes é chamado de alfaia, bombo, bombo mestre ou de macaca ou barrica, o qual pode também ser batizado com nomes de pessoas ou entidades religiosas pelos brincantes de maracatu.

A pesquisa compreende o período de março de 2021 a fevereiro de 2023, valendo-se dos olhares do construtor (e dos compradores indicados por este) sobre o

tambor de maracatu. Ressalta-se que o campo foi limitado pelas restrições impostas pela pandemia da Covid-19 e algumas entrevistas foram feitas on-line (Google Meet ou Whatsapp), o que não inviabilizou observações de campo (atelier do construtor) e entrevistas presenciais, devidamente registradas em gravações, transcritas, revisadas e arquivadas.

Na tradução dos dados, privilegiou-se falas, artefatos e argumentos que demonstrassem a rede de associações entre os atores e as afetações, sem perder de horizonte a estética e as caracterizações impostas pelos tambores de maracatu e que a pretensão era ilustrar as possibilidades plurais (cores, tamanhos, sons, efeitos) do artefato e processos de acabamento, valendo-se, ainda, de registros fotográficos.

O saber-fazer do construtor de tambor demonstra que o artefato se constitui de tecnologias e, para além da oficina (ou ofício), faz emergir as associações que dão formatos à fabricação dos tambores e às movimentações na rede de relações e geração de renda, num mosaico de relatos de campo extraídos do construtor de tambor Flávio Augusto de Faria (Flávio Itajubá) e dos compradores de tambor Felipe de Castro Silveira (Silveira), Túlio José Faria Macedo (Macedo) e Eder Rocha dos Santos (Santos), os quais serão citados no decorrer do texto. As imagens utilizadas foram cedidas por Silveira e Flávio Itajubá.

### **As Virações Teóricas: a rufada dos tambores**

Nos meandros das encruzilhadas da cultura os olhares interdisciplinares abrem um campo de perspectivas ao entendimento do processo artesanal da construção de tambores, a partir do movimento promovido pelo maracatu de baque virado.

Destaca-se que o construtor de tambor, também chamado de luthier, constitui em seu saber-fazer um tecido de relações que, em associações e vínculos, é potente para promover e gerar renda, fomentar sociabilidades e elaborar novos modos de organização. Desse lugar, o “construtor de tambor revela as escolhas que ele faz para construir a sua oficina, sua rede de fornecedores, seus clientes, suas experimentações com as tecnologias e suas estratégias para enfrentamento de cenários como a pandemia da Covid-19” (Azeredo, 2023: 21).

A base do relato do saber-fazer do construtor perpassa pela proposição da sociologia das associações (Latour, 2012), no sentido de rastrear as redes e os agenciamentos dos elementos humanos e não-humanos, pois o tambor de maracatu permite a descrição da rede estabelecida por Flávio Itajubá.

Observa-se que “a ação de um ator é feita pelos atos de muitos outros atores, é objeto de mobilidade e da mediação de outras entidades que o orbita e que o agrega” (Lima, 2016: 66). Portanto, a composição da rede do Flávio Itajubá é composta de elementos de fatores humanos e não-humanos que afetam as concepções do instrumento, desde sonoridade até seus valores de origem.

Nas disputas, mercado, estética ou sobrevivência do construtor, as madeiras utilizadas eram de uma determinada palmeira (Macaíba), a qual dá a sonoridade adequada do instrumento. Os deslocamentos do Maracatu para outras regiões, impõe o uso de outros tipos de madeiras, mas dentro da escolha (saber) do construtor, sendo maciça ou compensado, sem perder de vista a perspectiva de interesse do cliente.

Por trata-se de uma dinâmica artesanal, o manejo das técnicas do construtor se apresenta diversificada e, em determinados momentos, é preciso ampliar a rede de relações, por meio de vínculos com outros marceneiros para preparar a madeira de forma adequada, questão revelada no campo de pesquisa.

Pelas interfaces socioculturais e econômicas do contexto, o construtor do tambor se organiza, agrega, negocia, renegocia, acomoda e adequa o artefato nos limites da constituição do social em que está inserido em perspectivas sociotécnicas, é o caso do Flávio Itajubá e suas afetações como construtor de tambor, na linha da Teoria Ator-Rede.

### **As traduções: em pauta o construtor e a rede**

O construtor de tambor Flávio Itajubá é morador do município de Tremembé-SP, situada na Região Metropolitana do Vale do Paraíba paulista e apresenta uma vasta experiência com o maracatu de baque virado. É fundador do maracatu Baque do Vale, um dos grupos de maracatu mais antigos da região sudeste do Brasil, criador do Cultura na Kombi que promove ações culturais itinerantes, articulador dos intercâmbios culturais com os mestres do maracatu de baque virado de Pernambuco, organizador do cortejo Baque da Alvorada na Festa do Divino em São Luiz do Paraitinga-SP e, também, já esteve como secretário de cultura do município de Taubaté-SP.

As conversas com o Flávio Itajubá e as observações durante imersões de campo, identificamos que a oficina do construtor fica situada em Taubaté-SP, dentro de um complexo de galpões e oficinas planejados pela prefeitura do município. Lá observamos as conexões da rede, tomando como partida o artefato e, em consequência, fornecedores, clientes, processo de fabricação e adequações sociotécnicas. O construtor, casos de excesso de demanda ou ajustes técnicos sobre o corte e tratamento das madeiras, estabeleceu uma parceria com Toninho (marceneiro de Pindamonhangaba, município localizado a 12 km de Taubaté). Este tem papel significativo no fazer dos tambores, responsável pelos cortes nas madeiras para a confecção dos aros dos tambores, parte fundamental do artefato.

Na produção do Flávio Itajubá, as madeiras utilizadas vêm de troncos de palmeira (imperial e macaíba) ou compensados. O artefato tem formato redondo composto por madeira, pele de animal (parte superior e inferior), dois arcos de madeira perfurados e cordas para afinação. Os tambores são a vitalidade da batucada dos maracatus, sonoridades mais graves, compondo a melodia principal da orquestra de tambores, “[...] divididas em três vozes, [...] seguem uma organização tipicamente africana [...] tambor agudo, médios e outro grave” (Martins, 2014: 1180).

Em seu processo de fabricação, há uma rede de actantes revelada por elementos humanos e não-humanos, nos termos de Latour (2012). Actantes são elementos que agem na construção do artefato: madeiras, cordas, ferro, marceneiro, saberes ancestrais, bem como os processos e técnicas que envolvem o fazer, pois o artífice se encontra numa rede de atores a qual permite a construção dos instrumentos musicais coletivamente (saber-fazer do construtor, parceiros, influência do comprador, escolha adequadas da matéria prima envolvida). Na perspectiva de Filho; Barros (2022), este movimento estimula as trocas e multiplica os saberes.

Os tambores são elaborados por encomenda. Portanto, cada instrumento contempla um design único. Flávio Itajubá revela que na confecção do tambor do Silveira, de São Luiz do Paraitinga-SP, teve que adicionar duas particularidades no tambor: a madeira muiracatiara e o desenho de araucárias no corpo do tambor. Os motivos eram os de que, segundo Silveira, a madeira “[...] tem umas manchas, é a impressão digital dela” e que o desenho de araucárias no corpo do tambor vincula o artefato com a sua vida, especificamente porque a tatuagem da Araucária no tambor remete ao nome e a pousada do Silveira.

Para a elaboração do desenho no tambor foi utilizada a técnica de pontilhismo com a caneta nanquim, influenciando nas dinâmicas de tradição do artefato e do desejo do comprador, movimento que impôs ao construtor inovação e outros experimentos. Para Flávio Itajubá, a madeira solicitada não é utilizada nas fabricações dos tambores, o que dava uma incerteza no resultado final do artefato, no que tange a envergadura, colagem e afinação com as cordas. No que diz respeito à técnica do pontilhismo, o construtor aponta que foi o único artefato fabricado dessa maneira, face aos detalhes no cuidado do fazer e demanda de tempo excessiva.

Em grande medida, os processos de inovação afetam o saber-fazer do construtor. Para Filho; Barros (2021: 4), “inovar em luteria sempre pressupõe assumir riscos e o principal, ou o mais constante deles, é o de desperdiçar as muitas horas de trabalho investidas em determinado projeto”, caso experimentado por Flávio Itajubá que negociou com suas posições do fazer pautado na tradição do artefato e as demandas de geração de renda e sobrevivência.

A figura 1 revela o cuidado que o construtor tem com cada processo, no sentido de afirmar os significados que “[...] emanam da relação entre as pessoas e os objetos [...]” (Filho; Barros, 2022: 88). Macedo, músico de Paraibuna-SP, com atuação na Fundação Cultural deste município (e brincante das manifestações culturais: folia de reis, maracatu de baque virado, cacuriá, boi e teatro), relata que conheceu o Flávio Itajubá nas oficinas ministradas por ele sobre o maracatu de baque virado e a construção dos tambores.

Macedo comprou um tambor com madeira de macaíba vinda da Nação Estrela Brilhante de Igarassu-PE, finalizado com os aros de garapeira, peles de cabra e cordas. Relata na entrevista que “o Itajubá falou que a galera do Igarassu tava vindo pra São Paulo com um bojo de macaíba e estavam vendendo [...] e me ofereceu esse bojo dizendo que faria os aros pra mim”. Enfatizou que o construtor é muito cuidadoso nos processos de fabricação do tambor, seja na escolha da madeira e tratamento com as dimensões do corpo do tambor, em que destaca a preocupação do construtor em procurar novas maneiras de construir os tambores. Para Macedo, o “Itajubá se preocupa com a afinação e o timbre que os instrumentos podem atingir, ele me ensinou sobre os abafadores com espuma para os tambores [...] e a raspagem dos pelos nas peles dos tambores”, ações técnicas que qualificam a sonoridade do artefato.



**Figura 1:** Tambor com a técnica de pontilhismo. Silveira, 2022.

O conjunto dos artefatos produzidos por Flávio Itajubá está dentro de uma rede de maracatuzeiros, a qual se abre para possibilidades de experimentos e novas técnicas à fabricação do tambor. De forma geral, o corpo do tambor dos maracatuzeiros da Nação Estrela Brilhante de Igarassu-PE é feito da palmeira de Macaíba, madeira lenhosa, mas com a parte interna, na afirmação do construtor, passível de ser tratada e talhada, em que os luthiers utilizam furadeira, sargento, serrote, plaina manual, serra tico-tico e formão.

Santos, residente em São Paulo e com uma extensa carreira musical, foi batuqueiro da Nação Estrela Brilhante de Recife, Mestre Ambrósio e, atualmente, do Ponto BR, revela que diversos integrantes dos grupos de maracatu trabalhavam com marcenaria e auxiliam nos cortes das madeiras ou ajudam a transportar os tambores em seus carros, bem como participam dos processos de construção e de aperfeiçoamento das técnicas. Portanto, as inovações no artefato revelam aspectos econômicos, culturais e estéticos por meio das relações entre construtor e cliente, o que demonstra que o artefato tem correlação com “os lugares, os períodos, os recursos, as técnicas e as intencionalidades em jogo nos processos de construção e uso” (Filho; Barros, 2022: 89).

Na figura 2, apresenta-se o tambor feito com a palmeira de macaíba presente na região de Pernambuco. O processo envolve a retirada do miolo da palmeira (processo de ocar), feito com formão e martelo, em que se utiliza lixadeira para atingir a espessura desejada do corpo do tambor.



**Figura 2:** Tambor de Macaíba. Santos, 2022.

Os tambores de Macaíba, relata Santos, é construído de “[...] palmeira específica lá do Nordeste, é fácil de fazer o tambor porque é uma palmeira que armazena água dentro dela, então ela tem uma bucha dentro dela que fica meio oca e fica fácil de tirar [...]”. Acrescenta que os tambores “são feitos com a liberação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA)”. Portanto, os construtores, com a liberação, “deitavam a palmeira e ali mesmo já aproveita a serra para cortar os troncos na espessura do tambor”.

A rede composta para a fabricação de um tambor de macaíba envolve uma série de atores que se relacionam para o uso da palmeira imperial. No caso dos integrantes da Nação Estrela Brilhante de Recife, Santos aponta são convocados aqueles que dominem o trabalho com motosserra e disponham de carros para transportar as madeiras para o maior aproveitamento da palmeira. O IBAMA e as prefeituras locais, actantes, precisam liberar oficialmente o corte da palmeira imperial, pois, em contrário, afeta e interrompe o processo de formação da rede em torno do artefato.

A figura 3 mostra o tambor dos tanoeiros (artefato fabricado de barris de carvalho e aros feitos por ferreiros). Este artefato é adquirido pela comercialização de barris marítimos, viabilizando aos maracatus um novo elemento não-humano, os tonéis de carvalho, o qual afeta a maneira de construir os tambores. Nesse cenário, a madeira (elemento não-humano) impõe tecnologias inovadoras no trabalho com uso material e resultados (sonoridade, esforço, tamanho, tratamento) e os tanoeiros (elemento humano), que experimentam técnicas diferentes para confeccionar o artefato. O processo de construção requer cuidado na colagem das madeiras do corpo do tambor para que não comprometam a estrutura do artefato. Após, o acabamento se aplica seladora ou verniz com a devida montagem em aros de garapeira, peles de animal e a afinação com as cordas.



**Figura 3:** Tambor de Barril. Azeredo, 2022.

A figura 4 ilustra o processo de fabricação e rede constituída em torno do artefato, bem como suas correlações com saber-fazer do construtor.

↙ Não Humanos			↙ Humanos		
Madeiras	Motosserra	Tinta	F	Ferreiro	
Peles	Andaime	Pincel	T	Tanoeiro	
Cordas	Cavadeira	Seladora	C	Construtor de tambor	
Cola	Martelo	Verniz	M	Motorista	
Moldes//Gabaritos	Formão		A	Montador de andaime	
Serra para o corte da madeira	Lixadeira		S	Profissional para cortar a palmeira	
Furadeira	Caminhão		O	Profissional para ocar a palmeira	
Serra tico-tico	Avaliação técnica		P	Equipe técnica da prefeitura	

**Figura 4:** Inventário dos elementos não-humanos. Azeredo, 2022.

Com base nas observações de campo e entrevistas com Flávio Itajubá, elaborou-se um inventário de atores que influenciam o resultado do artefato (material, agenciamento dos órgãos públicos, técnicas e tecnologias, contextos locais, interesses dos compradores, por exemplo). Na fabricação, pelos relatos do construtor, um elemento em desacordo afeta o resultado final do artefato ou, no caso, a ausência da madeira, matéria prima, autorização do IBAMA, nem dispara a formação da rede e as afetações. A técnica do artesão tem uma importância significativa na qualidade do tambor e, segundo Flávio Itajubá, o passamento das cordas, a durabilidade dos aros, a qualidade do couro, o cuidado do construtor são fundamentais a qualidade do artefato, no sentido de alcançar os timbres desejados e sustentar a afinação durante os batuques. No conjunto das considerações do construtor, salienta-se que os contextos locais também afetam o resultado final do artefato, desde o encontrar das madeiras adequadas, as permissões institucionais para o deitar das árvores até o saber-fazer do artesão.

\*\*\*

O artefato, tambor de maracatu de baque virado, revela os elementos humanos e não-humanos que afetam o saber-fazer do construtor e forma uma rede de relações que demonstram as influências dos actantes no processo de fabricação. Também mostram as associações que o construtor tece, ora para aprimorar o trabalho, ora para sobrevivência e geração de renda.

No caso dos tambores do Flávio Itajubá, o seu Toninho tem um papel de relevância pelo ofício de marceneiro, impactando no saber-fazer do construtor, desenvolvendo mais recursos para a escolha da madeira, analisando a umidade e as fibras das madeiras, bem como o cuidado com os cortes para nivelar e envergar as madeiras.

O construtor, mesmo diante das afetações, valoriza o conhecimento que dá origem ao artefato, trazendo outras significações do seu saber-fazer, o que lhe permite elaborar um produto final qualificado e com potencial de geração de renda (Pimenta; Mello 2014), inclusive em situações extremas como pandêmica da COVID-19.

Ao longo do texto, buscou-se demonstrar que a constituição da rede em trono da construção do tambor não está isenta de afetações. Estas disparam negociações frequentes entre a tradição do saber-fazer, pautada na ancestralidade, com às dinâmicas da comercialização do artefato, o que implica em afetações também à manutenção do Maracatu de Baque Virado e na sobrevivência do construtor do tambor de Maracatu de Baque Virado.

### Referências bibliográficas

- AZEREDO, Marcel Costa. 2023. *“Cultura, desenvolvimento e tecnologia: construção e design de tambores e suas redes.”* Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Tecnologia e Sociedade), Universidade Federal de Itajubá, Minas Gerais.
- ALBERNAZ, Lady. S. F.; OLIVEIRA, Jailma. 2015. *“Sinfonia de tambores: comunicação e estilos musicais no maracatu nação de Pernambuco”.* Revista

- Anthropológicas,v.26:75102.<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaanthropologicas/article/view/23906/19459>.
- BARBOSA, Daniel Silveira de Almeida. 2011. *“Acrocomia intumescens e as demais plantas sagradas dos tambores do Maracatu.”* Monografia (Monografia em Engenharia Florestal), Universidade Federal de Viçosa, Viçosa.
- CUNHA, Maximiliano Wanderley Carneiro da. 2009. *O som dos tambores silenciosos: performance e diáspora africana nos maracatus nação de Pernambuco.* 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- FERREIRA, Cleison Leite. 2012. *“O espaço dos Maracatus-Nação de Pernambuco: território e representação.”* Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade de Brasília, Brasília.
- FIALHO, Laís Azevedo. 2017. *“O Maracatu-Nação como resistência cultural e religiosa afro-brasileira.”* VIII Congresso Internacional de História. XXII Semana de História. <https://doi:10.4025/8cih.pphuem.3598>.
- FILHO, Juarez Bergmann; BARROS, Thales Gonçalves; 2022. *“Atualizações em Processos Artesanais de Construção de Instrumentos Musicais na Luteria”.* In: Novos Horizontes da Pesquisa em Design: Coletânea de estudos do PPGDesign/UFPR. São Paulo: Blucher,. DOI 10.5151/9786555502312-05.
- GUILLEN, Isabel. C. M.; LIMA, Ivaldo. M. de F. 2006. *“Os maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960-1990).”* Sæculum – Revista de História, n. 14. <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/view/11350>.
- LATOURE, Bruno. 2012. *Reagregando o social.* Bahia: EDUFBA/Edusc.
- LEMOS, André. 2013. *A Comunicação das Coisas.* São Paulo: Annablume.
- LIMA, D. S. L. 2016. *“Entre Atos, Rastros e Marcas: uma cartografia de controvérsias sobre design e artesanato.”* Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade) - Universidade Federal de Itajubá, Itajubá.
- LIMA, Ivaldo Marciano de França. 2014. *“As nações de maracatu e os grupos percussivos: as fronteiras identitárias.”* Afro-Ásia, Salvador, n. 49: 71-104. <https://doi.org/10.1590/S0002-05912014000100003>.
- LIMA, Ivaldo Marciano de França. 2006. *“Maracatu e maracatuzeiros: desconstruindo certezas, batendo afayas e fazendo histórias.”* Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- LIMA, Ivaldo Marciano de França; GUILLEN, Isabel Cristina Martins. 2006. *“Entre a cultura do espetáculo e a identidade Afro-descendente: os maracatus-nação do Recife.”* Tempos Históricos (EDUNIOESTE), v. 09: 169-186. <https://doi.org/10.36449/rth.v9i1.8088>
- MARTINS, Nathália; AVVAD, Ana Paula. 2014. *“Análise semiológica da peça maracatu, para piano, de Egberto Gismonti.”* In: Simpósio em Práticas Interpretativas, Rio de Janeiro.
- PIMENTA, Carlos Alberto Máximo; MELLO, Adilson da Silva. 2014. *“Entre doces, palhas e fibras: experiências populares de geração de renda em cidades de pequeno porte no sul de Minas Gerais”.* Estudos de Sociologia, [S.l.], v. 1, n. 20, maio 2014. ISSN 2317-5427.
- SILVA, Charles R. da. 2018. *“O Mestre Apitou: Mestres, Apitos, Nações de Maracatu e suas Ações Religiosas, Culturais e Políticas.”* TESE (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

## sobre os autores

### **Marcel Costa Azeredo**

Mestre em Desenvolvimento, Tecnologia e Sociedade pela Universidade Federal de Itajubá; graduação em Psicologia pela Universidade José do Rosário Vellano. Psicólogo e Professor no Colégio IEPS. Coordena o Grupo de Maracatu de Baque Virado da Serra da Mantiqueira.

### **Adilson da Silva Mello**

Professor associado da Universidade Federal de Itajubá; doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; mestrado em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras das Faculdades Associadas do Ipiranga. Professor e Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade. Coordenador do GEPE de Ciências Sociais e Desenvolvimento do Instituto de Engenharia de Produção e Gestão da Universidade Federal de Itajubá.

### **Carlos Alberto Máximo Pimenta**

Professor associado da Universidade Federal de Itajubá; doutorado em ciências sociais pela Universidade Católica de São Paulo; mestrado em ciências sociais pela Universidade Católica de São Paulo; graduação em ciências jurídicas pela Universidade de Taubaté; membro do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade da UNIFEI e coordenador do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Desenvolvimento.

**Autoria:** Os autores são responsáveis pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

**Financiamento:** Fundação Coordenação de  
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
(CAPES).

Recebido em 15/10/2023.

Aprovado para publicação em 25/03/2024.